

## **Gênero é performance!, ou Como se produz um homem**

ADÃO FREIRE MONTEIRO

Mestrando em Artes Cênicas pela ECA/USP. Ator-pesquisador do grupo reflexivo de homens da ONG Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde e integrante do GEPRAGEM - Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Masculinidades de Santo André/SP.  
e-mail: adaofmonteiro@hotmail.com

– Quando tiverem melhorado o mundo,  
Melhorem, então, o mundo melhorado.  
Abandonem-no!  
– Avante!

(Bertolt Brecht. *A Peça didática de Baden-Baden sobre o acordo*)

**A**o longo dos estudos nos referenciais bibliográficos, nas pesquisas etnográficas em grupos de estudos sobre gênero e masculinidades e em reuniões nos espaços de ressocialização de homens autuados pela lei Maria da Penha, fui elaborando e revendo maneiras de intervir artisticamente nesses espaços, a fim de que uma possível desconstrução de um modelo imposto culturalmente de gênero se efetivasse, tendo como abordagens principais os exercícios sobre privilégios masculinos e sobre uma educação repressora, além das fachadas que temos que representar socialmente (Goffman, 2007).

Como se produz um homem? Considero que se produz um homem com os meios de produção a que conseguimos ter acesso. Os meios de produção são culturais, são instituições (a família, o Estado, a Igreja, fábricas, escolas), são espaços (públicos e privados), são locais (casa, rua, quadra, cozinha, sala, corredor), são cores (azul, rosa, preto, branco), são saberes (educação, ciência, arte, filosofia)... Os meios de produção são os que podem reger, castrar, hierarquizar, privilegiar, punir; são, nos termos de Foucault, os “marcos regulatórios” (Foucault, 2015). Os marcos regulatórios nos obrigam a ter certos comportamentos que aqui considero performances. Compartilho do entendimento e síntese de performance que Marvin Carlson faz, aquele no qual “performance é sempre performance para alguém, um público que a reconhece e valida como performance mesmo quando, como em

alguns casos, a audiência é o self” (Carlson, 2009, p. 16)<sup>1</sup>. Esse trecho traduz muito bem os parâmetros deste estudo, pois considera que performance é algo consciente, para alguém que reconhece sua intenção como performance e que a valida, ou seja, tem meios reconhecidos, legítimos, de produção para validá-la. Daí nasce a afirmação “Gênero é Performance!”, explicando-se em recortes referenciais nos quais se subentende que “o gênero pode ser compreendido como um significado assumido por um corpo (já) diferenciado sexualmente; contudo, mesmo assim esse significado só existe em relação a outro significado oposto” (Butler, 2016, p. 31).

Quando a filósofa Judith Butler se refere a gênero como significado assumido por um corpo, remete-se à característica citada anteriormente à performance, ambas permanecem conscientes; quanto ao corpo, este é tratado quase sempre na esfera biológica, diferenciado sexualmente, e de forma relacional. Porém, e anterior à significação de gênero, Butler ressalta: “Não se pode dizer que os corpos tenham uma existência anterior à marca de seu gênero” (Butler, 2016, p. 30). Butler reafirma que não existe corpo pré-linguístico, ou seja, o corpo em si, pois ele já está inserido nos discursos construídos sobre ele, definidores e limitadores. Então, a autora continua:

Os limites da análise discursiva do gênero pressupõem e definem por antecipação as possibilidades das configurações imagináveis e realizáveis do gênero na cultura. Isso não quer dizer que toda e qualquer possibilidade de gênero seja facultada, mas que as fronteiras analíticas sugerem os limites de uma experiência discursivamente condicionada (Butler, 2016, p. 30).

Tais discursos referem-se ao cultural hegemônico. Portanto, a “coerção é introduzida naquilo que a linguagem constitui como o domínio imaginável do gênero” (Butler, 2016, p. 31). Quanto aos imperativos dos discursos, através de seu código, que é a língua, Roland Barthes aprofunda: “Mas a língua, como desempenho de toda linguagem, não é nem reacionária, nem progressista; ela é simplesmente: fascista; pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer” (Barthes, 2013)<sup>2</sup>.

Portanto, são três as premissas fundamentais: (1) Gênero é performance; (2) Performance é para alguém; e (3) Gênero é uma análise discursiva, ou seja, para que um corpo seja lido, inserido em códigos. A partir delas, relato a experiência de workshop como exemplificações de relacionalidade e construção, pelos meios já citados, de reconhecimento e leitura do gênero masculino.

---

<sup>1</sup> Aqui, Marvin Carlson considera performance como a linguagem utilizada por várias áreas, inclusive a artística. Sugere “performance”, no significado desenvolvido pelo etnolinguista Richard Bauman, na *International Encyclopedia of Communications*. Ver: Carlson, 2009, p. 16.

<sup>2</sup> Nessa mesma conferência, editada em livro, sob o título *Aula*, Roland Barthes fala sobre as correlações entre linguagem e poder, sendo a linguagem uma legislação e a língua, seu código. Retornaremos a essa relação de poder incluindo o gênero.



Foto<sup>3</sup>: Flaviana Benjamin

#### HISTÓRIA "PESSOAL" DE VIDA<sup>4</sup>

Os exemplos dos relatos pessoais de entrevistas, feitas com homens em diferentes espaços e na oficina "Gênero é performance", serão os pretextos de análises conceituais sobre construção de gênero, privilégio e coerções do masculino, instituições e outros espaços de formação de gênero. Essa forma de análise parte dos modelos de "História real, História de vida", do Museu da Pessoa, e do campo de "história de vida teorizada" (Connel, 2016)<sup>5</sup>.

---

<sup>3</sup> Este workshop aconteceu no dia 12 de abril de 2017 no consórcio intermunicipal grande ABC, Santo André. Eixo: Assistência, Inclusão Social e Direitos Humanos. Grupo temático gênero e masculinidades.

<sup>4</sup> Utilizo aqui o termo história "pessoal" de vida para enfatizar a singularidade dos relatos, a partir de um roteiro básico de entrevista, em anexo, do Museu da Pessoa (São Paulo).

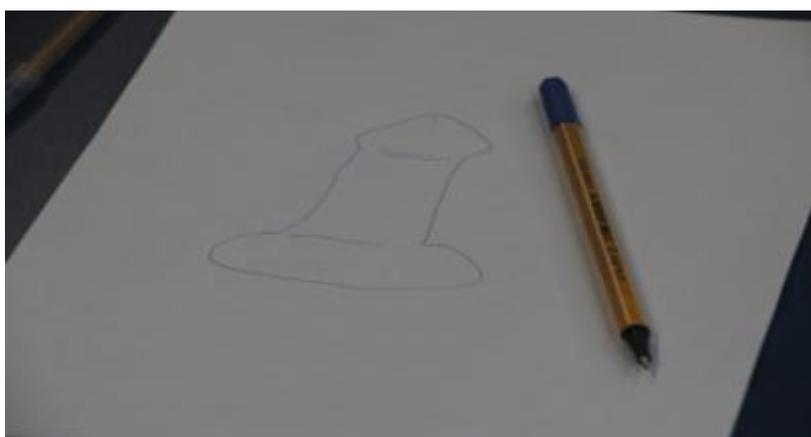
<sup>5</sup> Para mais detalhes sobre o método, junto a exemplos de estudos de caso, ver: Connel, 2010.

UM HOMEM, OU LUIS FERNANDO



Foto<sup>6</sup>: Flaviana Benjamin

Você é homem? Por quê? Essas são as duas primeiras perguntas a partir das quais começamos nosso diálogo. Luis Fernando<sup>7</sup> responde às perguntas: “SIM Porque, ao longo do meu desenvolvimento, fui incorporando papéis esperados para quem nasce com genitália masculina”.



---

<sup>6</sup> Os participantes desse workshop integram o GEPRAGEM – Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Masculinidades. No foco da câmera, nosso entrevistado/documentado, Luis Fernando.

<sup>7</sup> Os nomes usados neste momento são reais, com a devida autorização do entrevistado/documentado. Em anexo estão as cópias dos termos de autorização de áudio, identidade e imagem, para estes fins.

Ao responder a pergunta “Você é homem?”, Luis Fernando marca “SIM”. Quando questionado sobre o porquê, ele relata sua construção de masculinidade, seu “papel social de homem” que parte da leitura externa sobre seu corpo, ou seja, das possibilidades discursivas sobre seu gênero (Butler, 2016). Quando diz “*fui incorporando papéis esperados*”, percebe-se que a relação feita é entre seu corpo e a performance social. Quanto ao primeiro, temos a reafirmação de que o corpo não tem uma existência anterior à marca de seu gênero; quanto à performance social, é relatado que era cobrado, esperado, que seu corpo tivesse um determinado comportamento social, ou seja, uma representação dos desempenhos adequados (Goffman, 2007), já diferenciado por sua genitália, ou seja, um corpo já diferenciado sexualmente.

Erving Goffman em sua análise sociológica, no livro *A representação do eu na vida cotidiana* (2007), usa o termo “representação teatral” como perspectiva de análise dos comportamentos sociais. Os princípios que usa como exemplos, mesmo sendo de fatos reais, possuem “caráter dramático”. Em suas palavras:

Considerarei a maneira pela qual o indivíduo apresenta, em situações comuns de trabalho, a si mesmo e suas atividades às outras pessoas, os meios pelas quais dirige e regula a impressão que formam a seu respeito e as coisas que pode ou não fazer, enquanto realiza seu desempenho diante delas (Goffman, 2007, p. 9).

Abaixo, um pequeno acréscimo no que diz respeito à consciência e representação:

Não é provavelmente um mero acidente histórico que a palavra “pessoa”, em sua acepção primeira, queira dizer máscara. Mas, antes, o reconhecimento do fato de que todo homem está sempre e em todo lugar, mais ou menos conscientemente, representando um papel... é nesses papéis que nos conhecemos uns aos outros; é nesses papéis que nos conhecemos a nós mesmos (Goffman, 2007, p. 27).

Essa perspectiva de análise é cara para este estudo, pois contempla as visões de representação, performance, consciência e construção. Acrescentam-se neste estudo as análises referentes ao gênero, tendo como exemplo o gênero masculino. Sobre as análises de construção, posteriormente voltaremos à controvérsia, já exemplificada por Judith Butler, que “parece basear-se na polaridade filosófica convencional entre livre-arbítrio e determinismo” (Butler, 2016, p. 29).

## GÊNERO É RELACIONAL

Luis Fernando<sup>8</sup> nasceu em 30 de agosto de 1987. Seus pais se conheceram no chão de fábrica. Quando Luis Fernando nasceu, sua mãe tinha 22 anos. As lembranças que Luis tem de seus pais são de pessoas distantes – não ausentes, mas distantes –, o que ele cita como um referencial de formação:

O que acabou me formando, um pouco da minha personalidade tem a ver com isso, o jeito como eu fui criado, e pelo fato de ser homem tive mais liberdade do que minha irmã, eu podia ficar na rua até tarde, jogava bola, agora minha irmã já sofreu um pouco mais com isso, sofreu bastante.

Seria redundante e de senso comum falar em coisa de menino e coisa de menina, lugar de menino e lugar de menina. Mas para pensarmos em uso de espaços e liberdade, uma questão recorrente na escuta com homens em ressocialização é o fato de homens não poderem falar de seus sentimentos íntimos com os amigos na rua, no bar, nas praças, pois, segundo os relatos e queixas da maioria dos homens que participam dos Grupos de Reflexão, esses lugares de socialização não propiciam sentimentalismos masculinos. Outra ideia compartilhada nos grupos de ressocialização é a de que homem não chora na frente dos outros, o que retoma aqui o conceito de “máscara social” (Goffman, 2007).

Há um modelo de masculinidade construído historicamente, perseguido e compartilhado entre os homens, que Raewyn Connel nomeia “masculinidade hegemônica” (Connel, 1987). Em entrevista à revista *Feminismos*, a socióloga expande o conceito, incluindo a perspectiva dos países colonizados, como o Brasil, visando os processos de mudanças na ordem colonial de gênero:

Isto envolve a criação das indústrias coloniais, a criação de uma força de trabalho escrava, a destruição de comunidades indígenas, a incorporação de algumas populações indígenas na força de trabalho. Tudo isto remodelou as relações de gênero e produziu novas configurações das práticas e hierarquias de gênero (Connel, 2015, p. 53).

O modelo de masculinidade hegemônica tem cores locais, ou seja, existem masculinidades hegemônicas. Então, para pensarmos quem são *os outros* para quem o imperativo *homem não chora* vale, é preciso saber qual masculinidade está sendo perseguida, construída e compartilhada. Cores locais são construções locais, específicas. Um exemplo e proposição de que gênero é relacional, como metáfora do geral no particular, foi a segunda pergunta da oficina para Luis Fernando: Em

---

<sup>8</sup> Luis Fernando é sociólogo. Trabalha no Departamento de Proteção Social Básica, junto à Secretaria de Inclusão e Assistência Social, na Prefeitura de Santo André.

uma porta de banheiro há uma placa M. Você, precisando usar um banheiro, entraria ou não? Por quê?



Foto: Flaviana Benjamin

Ao responder e realizar o ato de entrar pela porta onde há uma placa M, Luis Fernando explica ter feito a leitura de M como MASCULINO, justificando sua entrada. Na sequência, ao colocar outra placa na porta ao lado, dessa vez com a letra H, Luis Fernando acha que deve ter entrado no banheiro errado, pois agora sua leitura é de que M = MULHER e H = HOMEM. Esse jogo foi proposital para demonstrar o caráter relativo do gênero, em que este “só existe *em relação* a outro significado oposto” (Butler, 2016, p. 31). Caso Luis Fernando escolhesse não entrar no banheiro cuja placa era M por lê-la MULHER, colocaríamos, propositalmente na outra porta, uma placa com a letra F. A leitura seria de F = FÊMEA; portanto, um homem, cujo sexo e gênero são masculinos, deveria, por regras sociais, entrar na porta M, de MACHO. Este é um jogo para nos servir de pretexto para discutirmos sobre a performatividade e relacionalidade de gênero<sup>9</sup>.

Gênero é relacional, e essa relação parte, mais uma vez, da diferença entre os sexos e de sua projeção, de sua inteligibilidade, ou seja, “gêneros ‘inteligíveis’ são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo” (Butler, 2016, p.43). Portanto, vivemos entre essas margens fascistas da língua (Barthes, 2013), onde nos reconhecemos e nos produzimos na relação e oposição ao outro já reconhecidamente legitimado, inteligível.

- Mas eu sou homem
- Por quê?

---

<sup>9</sup> Não discorreremos aqui sobre as problematizações e conquistas dos movimentos sociais e de gênero sobre as denominações e usos dos banheiros. Poderíamos falar sobre as denominações generificadas dos banheiros em si, ou dos espaços comuns, para livre escolha de quem faz uso dos banheiros. Esta livre escolha segue sendo nossa utopia não só para este espaço como para tantos outros.

- Porque não sou mulher, ora. Eu tenho pênis, eu gosto de mulher<sup>10</sup>.

Nessa eterna construção para nos tornarmos seres inteligíveis, notamos o quanto temos que performar inclusive nosso desejo – este, heterossexualmente imposto e naturalizado –, pois a heterossexualização do desejo requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre feminino e masculino, em que estes são compreendidos como atributos expressivos de “Macho e de Fêmea” (Butler, 2016). Esses “atributos”, nós os repetimos, nós os restauramos. Nos termos de Richard Schechner, “em termos pessoais, o comportamento restaurado significa ‘eu me comportando simplesmente como os outros se comportam’ ou ‘como me disseram para fazer’, ou ‘como aprendi’”<sup>11</sup> (Schechner, 2017, p. 34). Para tanto, ao conduzir o jogo “M ou H ou F?”, quis demonstrar, em nossa língua, em nossa cultura, nosso adestramento cultural e nossas parcas condições de arbítrio; que nosso próprio gênero está inserido nessa performatividade do comportamento restaurado, pois se trata da estilização repetida do corpo, “um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (Butler, 2016, p. 69). Portanto, nossa condição de sermos nós na alteridade e de menor condição humana, dois humanos, e não um (Brecht, 1988).

#### GÊNERO É PERFORMANCE!

É um lugar-comum dizer que diferentes grupos sociais expressam de maneiras diversas atributos tais como idade, sexo, jurisdição, posição de classe, e que em cada caso esses simples atributos são elaborados por meio de uma configuração cultural complexa, distintiva de meios convenientes de conduta. Ser uma determinada espécie de pessoa, por conseguinte, não consiste meramente em possuir os atributos necessários, mas também em manter os padrões de conduta e aparência que o grupo social do indivíduo associa a ela. O irrefletido desembaraço com que os atores desempenham essas práticas habituais conservadoras dos padrões não nega que tenha havido representação, mas apenas que os participantes tenham tido consciência dela (Goffman, 2007)<sup>12</sup>

<sup>10</sup> Trecho de conversa extraído das reuniões com os homens autuados pela lei Maria da Penha. Coloco aqui esse trecho para corroborar as afirmações que faço sobre gênero e performance e que aparecem também na fala e na escrita de Luis Fernando. As autoafirmações da maioria dos homens neste grupo se dão quase sempre pela negação, do fato de não serem mulheres, de possuírem algo físico, orgânico, genital que lhes confere status, o pênis, e por terem outras preferências, escolhas, sexuais, a saber, gostar de mulher – ou, especificamente, gostar de transar com mulher.

<sup>11</sup> Tradução livre de “To put it in personal terms, restored behavior is ‘me behaving as if I were someone else’, or ‘as I am told to do’, or ‘as have learned’”.

<sup>12</sup> Erving Goffman usa os termos *atores* para *indivíduos*, como esclarece no prefácio de seu livro *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*: “A perspectiva empregada neste relato é a de representação teatral. Os princípios de que parti são de caráter dramático. Considerarei a maneira pela qual o

É desse “lugar-comum”, que muitas vezes nem parece tão comum assim, que estamos falando; de nossas referências construtoras de gênero, nossa performance, nossos desejos. Quão compulsória é nossa formação, nosso aprendizado, e quão arbitrário é nosso desaprendizado:

Luis Fernando – Ao longo desse convívio com minha companheira, esposa, eu fui desaprendendo uma série de coisas, aí eu fui percebendo que o universo masculino é muito constrangedor, ele é muito difícil, porque você quer manifestar alguma coisa, mas você não pode, porque alguém vai falar “Pô, esse cara é gay”, e você não quer parecer. Tinha uma época que eu tinha aquela visão romântica do Erasmo Carlos: “Sou apaixonado pelas mulheres”. Eu tinha essa visão romântica<sup>13</sup>.

Luis Fernando relata aqui sua visão romântica pelas mulheres, ou pelo menos a crença de que era necessário aquele tipo de amor; em outras palavras, dá a ver uma visão heterossexual compulsória. Neste ponto e aspecto, Butler compara muito bem os papéis de gênero a performances teatrais ensaiadas que seguem *scripts* conhecidos, uma visão que segue de perto os apontamentos de Goffman, para quem esses papéis são de caráter totalmente dramáticos. No caso de Luis Fernando, o papel tem até mesmo uma trilha sonora: Erasmo Carlos.

Adentrando a performatividade, Judith Butler esclarece o entendimento dessa ideia não como um ato pelo qual o sujeito traz à existência aquilo que ela ou ele nomeia, mas, ao invés disso, como aquele poder reiterativo do discurso para produzir os fenômenos que ele regula e constrange (Butler, 2016). Poder reiterativo que marca nosso discurso e nosso corpo.

#### NOSSO CORPO, UM DOCUMENTO?

A marca do gênero no nosso corpo. Essa também foi uma questão feita como dispositivo para analisarmos as impressões feitas sobre nós, tendo como base nosso próprio corpo. A pergunta foi “Qual a marca do gênero no seu corpo? Faça um desenho dela”. Luis Fernando desenhou um pênis. Assim, acabou por reiterar sua primeira resposta: “Fui incorporando papéis esperados para quem nasce com genitália masculina”.

---

indivíduo apresenta, em situações comuns de trabalho, a si mesmo e suas atividades às outras pessoas, os meios pelos quais dirige e regula a impressão que formam a seu respeito e as coisas que pode ou não fazer, enquanto realiza seu desempenho diante delas” (Goffman, 2007, p. 9).

<sup>13</sup> Aqui Luis Fernando está relatando sua preferência por querer ter uma filha ao invés de um filho (ele tem um filho), ressaltando como o universo masculino pode ser constrangedor.



Foto: Flaviana Benjamin

Com sua CNH (Carteira Nacional de Habilitação) em mãos, Luis Fernando analisa quem ele é, ou melhor, o que o documento prova:

L.F - Que eu sei dirigir, ele está inserido em um contexto de códigos, são números, tem meu nome, tem minha cara

Eu - Não dá pra ver seu pênis aí

L.F - É, mas subtede-se que tem, é, mas pode não ter.

Voltando à pergunta: o que marca o gênero no meu corpo? O que marca o gênero em meu corpo não necessariamente está em meu corpo. O Estado marca o gênero no meu corpo. A escola marca o gênero no meu corpo. A igreja marca o gênero no meu corpo. O banheiro marca o gênero no meu corpo... Ao imprimirem uma marca de gênero em nosso corpo, as instituições, junto a outros marcadores, exigem e formatam nosso corpo, a partir do que ele tem ou do que dele se subentende.

#### À GUIA DE CONCLUSÃO

Este workshop faz parte de um estudo que atua em três movimentos: (1) A escuta em grupos reflexivos com homens autuados pela lei Maria da Penha<sup>14</sup>; (2)

---

<sup>14</sup> O artigo 35 da Lei nº 11.340/06 prevê que a União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios poderão criar e promover, no limite de suas competências, centros de educação e de reabilitação para os agressores; e o artigo 45 estabelece que nos casos de violência doméstica contra a mulher,

A pesquisa e a prática, no workshop relatado neste artigo, com integrantes de grupos de estudo sobre gênero e masculinidades; (3) A proposta de intervenção em espaços de ressocialização, possibilitando expor contradições na formação do gênero, questionando nossos comportamentos generificados, os quais eu exponho como performados. O workshop, portanto, é pensado como propõe Richard Schechner, como um rito de passagem, o que o diferencia de treinamento, pois “Training is a long, slow, repetitive, immersive process. Workshops are relatively brief, intense, and transformative” (Schechner, 2006, p. 236).

Analisamos o gênero como um constructo culturalmente formatado e pré-concebido, um arcabouço de relações sociais que ora constroem, ora privilegiam. Empiricamente e conceitualmente, vemo-nos performando para sermos seres legítimos e inteligíveis, esforçando-nos para nos reconhecermos numa esteira “lógica” de sexo-gênero-desejo-prática à custa de tantos dissabores. Um *script*, um roteiro cujas falas e figurinos por vezes não nos caem bem, ou melhor, não fazem nosso gênero. Esse roteiro, por vezes inconsciente, é um comportamento que restauramos (Schechner), um comportamento ensaiado, treinado, ou “como me foi dito para fazer”, ou “como aprendi” e, nesses ritos sociais, apresentado. Ao que acrescenta Brecht com o personagem Galy Gay da peça *Um homem é um homem*: – Como as pessoas querem que a gente seja (Brecht, 1987, p, 166).

Este artigo tratou especificamente de exemplificar uma construção masculina como um roteiro a seguir. No caso apresentado pelo workshop “Gênero é Performance”, estabelecemos nexos com autores que embasam essa construção masculina, ou melhor, essa hegemonia do masculino (Connell), sob conceitos de gênero (Butler); performance e comportamentos restaurados (Schechner), a partir do discurso de Luis Fernando, nosso entrevistado/documentado.

A importância da análise dos comportamentos masculinos pelo teatro e pela performance é de desnaturalização e de estranhamento (Brecht) de tais comportamentos, já que eles são por vezes um fardo a carregar, bem como de reconhecimento dessa performatividade (Butler) em atos cotidianos, em tantas vidas caseiras e representáveis, propondo novos roteiros, novas representações e novas construções de homens. Tais homens, em vez de tentarem se livrar de crimes e leis, deveriam se livrar desses papéis que outros escreveram e escrever suas histórias como gostariam que fossem.

Eu - Qual o seu sonho?

L.F - Viver num mundo um pouco melhor. Quando eu passei a ter consciência das coisas de fora da minha casa, meu sonho sempre foi esse. Acho que tem a ver um pouco com minhas vivências traumáticas aí. Esse mundo é muito feio. No fundo meu sonho é esse.

---

o juiz poderá determinar o comparecimento obrigatório do agressor a programas de recuperação e reeducação.

Para tanto, é preciso uma transformação das condições sociais, o que significa transformar os condicionamentos sociais hegemônicos, ao invés de castrar os atos individuais gerados por essas condições (Butler *apud* Schechner, 1988).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barthes, Roland. *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do colégio de França*, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. São Paulo: Cultrix, 2013.
- Brecht, Bertolt. *Teatro completo em 12 volumes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, vol. 3.
- Butler, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 10 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- \_\_\_\_\_. *Quadros de guerra: quando uma vida é passível de luto?* São Paulo. Civilização brasileira. 2015.
- Carlson, Marvin. *Performance: uma introdução crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- Connel, Raewyn. *Gênero em termos reais*. São Paulo: n-Versos, 2016.
- Connell, Robert W.; Messerschmidt, James W. "Masculinidade hegemônica: repensando o conceito". *Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, maio 2013.
- Foucault, Michel. *História da Sexualidade 1: A vontade de saber*. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- \_\_\_\_\_. *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo: n-1, 2013.
- Goffman, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- Schechner, Richard. *Performance studies: an introduction*. 2nd ed. New York & London: Routledge, 2006.

**Artigo recebido em 16/06/2017; aprovado para publicação em 02/08/2017**

**RESUMO:** "Como se produz um Homem" é um workshop elaborado a partir de vivências e do trabalho com homens em processo de ressocialização, autuados pela lei Maria da Penha<sup>15</sup>. O workshop é pensado como propõe Richard Schechner, de forma similar aos ritos

---

<sup>15</sup> Lei Maria da Penha é o nome dado a uma legislação brasileira que garante a proteção das mulheres contra qualquer tipo de violência doméstica, seja física, psicológica, patrimonial ou moral. A lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, popularmente conhecida como Lei Maria da Penha, alterou o Código Penal brasileiro, fazendo com que os agressores fossem presos em flagrante ou tivessem a prisão preventiva decretada, caso cometessem qualquer ato de violência doméstica pré-estabelecido pela lei. Outra grande alteração que a lei Maria da Penha trouxe foi a eliminação das penas alternativas para os agressores, que antes eram punidos com pagamento de cesta básica ou pequenas multas.

de passagem, porém com características específicas, o que o diferencia de um simples treinamento. A proposta é a desnaturalização das masculinidades através da construção performática do gênero.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero. Masculinidades. Performance.

**ABSTRACT:** “How is a man produced?” is a workshop elaborated based on experiences and on a work with men in resocialization process, booked by Maria da Penha Law. The workshop was thought as proposed by Richard Schechner, in a way similar to rites of passage, but with specific characteristics, which makes it different from a simple training. The proposal is the denaturalization of masculinities through the performative construction of gender.

**KEYWORDS:** Genre. Masculinity. Performance.

---

O agressor também pode ser condenado a três anos de reclusão, sendo que a pena é aumentada em um terço caso o crime seja praticado contra uma pessoa portadora de deficiência. Todos os crimes que se enquadram na lei Maria da Penha deverão ser julgados pelos Juizados Especializados de Violência Doméstica contra a Mulher, que foram criados a partir desta legislação. A lei Maria da Penha se aplica também para casais homoafetivos, formados por duas mulheres ou transgêneros (que se identificam com o gênero feminino).

Sobre Lei Maria da Penha: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/95552/lei-maria-da-penha-lei-11340-06>; sobre Maria da Penha Fernandes: <http://www.compromissoeatidade.org.br/quem-e-maria-da-penha-maia-fernandes/>.

ANEXOS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Luiz Fernando da Silva Riquelme, portador(a) da Cédula de Identidade nº 40676022-6, inscrito no CPF sob nº 248.79218-02, residente à Rua Major, nº 84, na cidade de São Bernardo do Campo, AUTORIZO o uso de minha imagem e áudio sem finalidade comercial, para ser utilizada no trabalho de pesquisa GÊNERO É PERFORMANCE.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

Santo André, 12 de Abril de 2017.

Luiz Fernando da Silva Riquelme

Assinatura

GRUPO DE ESTUDOS E PRÁTICAS EM GÊNERO E MASCULINIDADES – GEPRAGEM

FÓRUM DE GÊNERO E MASCULINIDADES – SANTO ANDRÉ

CONSÓRCIO INTERMUNICIPAL GRANDE ABC/SANTO ANDRÉ: 12.04.2017

**GÊNERO É PERFORMANCE**

FACILITADOR: Adão Freire Monteiro

FICHA 2

1. VOCÊ É HOMEM?       SIM       NÃO

2. POR QUÊ?

Porque, ao longo de meu desenvolvimento,  
incorporei papéis que não esperaria de quem  
nasceu com órgão genital masculino, pois  
estes ainda não desconstruídos.

Luiz Fernando

**GEPRAGEM – GRUPO DE ESTUDOS E PRÁTICAS EM GÊNERO E MASCULINIDADES**

FORUM DE GÊNERO E MASCULINIDADES – SANTO ANDRÉ

CONSÓRCIO INTERMUNICIPAL GRANDE ABC, 12.04.2017

GÊNERO É PERFORMANCE

*Facilitador: Adão Freire Monteiro*

**ROTEIRO BÁSICO DE ENTREVISTA**

PERGUNTAS INTRODUTÓRIAS

**Identificação/Família**

- Qual é seu nome, local e data de nascimento?
- Quais os nomes dos pais?
- O que os seus pais faziam?
- Como você descreveria seu pai e sua mãe?
- Quais eram as profissões deles?
- Quais eram os principais costumes da sua família?
- Você gostava de ouvir histórias? Quem te contava?
- Você sabe a origem da sua família?
- Você tem irmãos? Quantos são?

**Infância**

- Você lembra da casa onde passou sua infância? Como era?
- E o bairro e a cidade?
- Quais eram as suas brincadeiras favoritas? Você tinha muitos amigos? E amigas?
- Como era sua relação com as meninas?
- O que você queria ser quando crescesse?
- O que você mais gostava de fazer quando era criança?

**Educação**

- Qual a primeira lembrança que você tem da escola?
- Você teve algum professor que te marcou? tinha professora?
- Como você ia para a escola?

PERGUNTAS DE MOVIMENTO

**Juventude**

- Qual foi o seu primeiro namoro?
- Como era sua relação com as mulheres nessa fase?
- Quando e como você começou a sair sozinho ou com amigos?

- O que vocês faziam?
- O que mudou em relação à sua infância?

### **Trabalho**

- Quando começou a trabalhar e qual foi seu primeiro trabalho?
- Tinha mulheres no ambiente de trabalho?
- Como era a relação com elas?
- O que você fazia com o dinheiro que ganhava?
- Que outros trabalhos você fez?

### **Faculdade/Especialização**

- Você fez faculdade? Qual? Por quê?
- O mudou na sua vida nesse momento?
- Quais foram os momentos mais marcantes desse período?
- Como isso te influenciou profissionalmente?

### **Migração/Imigração**

- Você (ou sua família) se mudou? Por quê?
- Por que foi para tal cidade/estado/país?
- Como foi a viagem?
- Onde vocês chegaram?
- Qual foi a sua primeira impressão?
- O que mais chamou sua atenção?
- Quais foram as primeiras dificuldades?

### **Casamento/Filhos**

- Como conheceu seu marido (esposa)?
- Você se lembra do dia do seu casamento? Como foi?
- Vocês tiveram filhos? Quais os nomes dos filhos?

### **Perguntas conclusivas**

- O que você faz hoje?
- Quais são as coisas mais importantes para você hoje?
- Quais os seus sonhos?
- Como foi contar a sua história?